

**BELMIRO BRAGA** — Fundador da cadeira n. 8, nasceu em 7 de janeiro de 1872 em Vargem Grande, município de Juiz de Fora e na referida cidade faleceu em 31 de março de 1937. Estudou no "Ateneu Mineiro", de Juiz de Fora. Dificuldades de vida forçaram-no a abandonar os estudos, para se entregar ao comércio, com seu pai. Ainda jovem, entre as folgas do balcão, escreveu uma série de versos, sob o título "Montezinas", livro que teve o prefácio de Batista Martins, que lhe admirava o talento. Belmiro alcançou logo grande popularidade em Juiz de Fora, que se estendeu pelo Estado. Algumas de suas poesias foram vertidas para o castelhano. Percebia-se nele a altura mental de Dampoamor na subjetividade de seu lirismo. Conferencista delicado, cheio de "verve", gracioso, leve, manejava a ironia sem excessos agressivos, ou sem trã violència da sátira, explorando com engenho e felicidade as antíteses. Após percorrer algumas cidades mineiras em conferências, que despertavam interesse, passou o resto de sua existência na sua querida Juiz de Fora, entregue ao ofício de tabelião e inspetor escolar. Seu ultimo livro de poesias foi Redondilhas. Publicou Cantos e Contos, reunião de crônicas e poesias, Contas de meu Rosario, Rosas. Seu teatro era leve, airoso, facetado, com desenho de tipos do interior mineiro, mórmente na sátira aos políticos. Escreveu Que Trindade! Os Candidatos, Na Roça, Na Cidade, Coisas da Vida, Porto, Madeira, Colares, (em três atos, em colaboração com Gastão Tojeiro), O Avental. Colaborou em jornais do Rio, ocupando as colunas do "Fon-Fon" e de "O Malho". Viajou pela Europa, recolhendo muitas observações que passou para a crônica e em livro Dias Idos e Vividos. Temperamento agil, suavissimo, tinha o condão de fazer amigos, e os fez, numerosos, em sua afanosa vida. Desejava de travar conhecimento com Machado de Assis, que era no seu tempo e até hoje majestati styli par ingrenium, segundo a paródia do título que se deu a Buffon, escreveu-lhe uma carta, cuidadosamente repensada, oferecendo-lhe um dos seus livros. Machado, que se esquecera de própria origem (profundamente humilde, como é sabido) e já na glória de um semi-deus nas letras, em convívio com os grandes da época (Rui Barbosa, Rio Branco, Pereira Passos, Joaquim Nabuco e outros), instalado na presidência da Academia Brasileira de Letras, traçou curtissima resposta, muito cauteloso, reticente, com tratamento cerimonioso (valera-se de v. excia., no dito bilhete). Isto não assustou propriamente a Belmiro: despertou-lhe discreto riso, como se estivesse a dizer — Bem. Em festa de inhambú... Deu nome a mais de trinta grêmios. Em Juiz de Fora, existe notável monumento à memória de Belmiro, com a inscrição de um das famosas quadras, em que celebra a fidelidade do cão. Belmiro Braga caracterizou-se por absoluto desapego a posições. Tornou-se nome nacional, sem jamais se esquecer de sua adorada Vargem Grande, e até estimava com orgulho o título — Trovador da Vargem Grande. Pretende a Prefeitura de Juiz de Fora imprimir obras completas do grande mineiro.



Belmiro Braga

**WELLINGTON BRANDÃO** — Nasceu na cidade de Visconde do Rio Branco, outrora Rio Branco (Minas) em 3 de agosto de 1895. Fez os seus estudos primários em Ubá, iniciando na referida cidade o curso secundário, que completou no Rio. Formando-se em Direito na Capital Federal, foi promotor de justiça de Cassia, abandonando o cargo para exercer a advocacia. Poeta brilhante,



Wellington Brandão

orador vigoroso, publicou **Deslumbramento de um triste**, que foi um deslumbramento literário. Vieram em seguida **Seara da emoção**, **Homem inquieto**, **Finale**. Novellista, publicou **Bonecos de pano** e **O tratador de pássaros**. Escreveu ainda **Quarta República** (crônicas e ensaios políticos, 1951), e tem preparado para o prelo **O Espírito e as Fúrias** (ensaios de arte e crítica). Jurista, estudioso das questões rurais, escreveu **O penhor rural**. Ingressando na política, alcançou o favor do povo, que o elegeu deputado federal à Constituinte de 1946, na qual teve participação brilhante. Eleito para a Academia Mineira de Letras em 1937, obteve unanimidade de sufrágios. Reside atualmente na cidade de Passos, entregue aos labores de prestigiosa banca de advogado e à atividade rural. Como **Cinamato**, após intenso brilho no parlamento nacional, regressa à vida do campo. Seus inéditos são numerosos. Assinando artigos, sob o pseudônimo **Fidelis Florêncio**, ocupou por muito tempo os jornais do Estado e do Rio. Wellington Brandão tem a capacidade de vestir idéias com requintada finura sem cair em preciosismo. Graça, leveza, cintilação tudo o que lhe sai da pena surge airoso, algo imprevisível. Simbolista puro, apareceu no cenário das letras mineiras muito moço ainda, revelando densidade de pensamento. Ingressou no movimento modernista com a pujança de seu talento, dando à escola da vanguarda todo o tesouro de suas emoções e da sua técnica poética, depurada ao extremo de pesquisas e vigilância nos domínios da arte. Replica de Disraeli, que se esquece da política, devota-se às letras com entusiasmo sempre novo.

(Coleção organizada por **MARTINS DE OLIVEIRA**)

brilhante, orador vigoroso, publicou **Deslumbramento de um triste**, que foi um deslumbramento literário. Vieram em seguida **Seara da emoção**, **Homem inquieto**, **Finale**. Novellista, publicou **Bonecos de pano** e **O tratador de pássaros**. Escreveu ainda **Quarta República** (crônicas e ensaios políticos, 1951), e tem preparado para o prelo **O Espírito e as Fúrias** (ensaios de arte e crítica). Jurista, estudioso das questões rurais, escreveu **O penhor rural**. Ingressando na política, alcançou o favor do povo, que o elegeu deputado federal à Constituinte de 1946, na qual teve participação brilhante. Eleito para a Academia Mineira de Letras em 1937, obteve unanimidade de sufrágios. Reside atualmente na cidade de Passos, entregue aos labores de prestigiosa banca de advogado e à atividade rural. Como **Cinamato**, após intenso brilho no parlamento nacional, regressa à vida do campo. Seus inéditos são